

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME SERENESKI DE OLIVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DO MONITOR DE AULAS PRÁTICAS,
UMA VISÃO BASEADA EM PIAGET.

CURITIBA

2014

GUILHERME SERENESKI DE OLIVEIRA

A CONTRIBUIÇÃO DO MONITOR DE AULAS PRÁTICAS,
UMA VISÃO BASEADA EM PIAGET.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dra Tania Stoltz
Co-orientador: Prof. Dr Carlos Eduardo
Pilleggi de Souza

CURITIBA

2014

AGRADECIMENTOS

É difícil expressar somente com palavras a enorme gratidão que sinto por todos aqueles que colaboraram para que eu pudesse me tornar não somente um biólogo, mas também a pessoa que sou.

Sem minha família eu nada seria; agradeço a meu pai, Senhor Edder Luiz de Oliveira, minha mãe, Senhora Dorotéia Sereneski de Oliveira e minha irmã, Senhorita Nicole Sereneski de Oliveira, por todo o carinho, amor e suporte que me deram durante minha vida.

A excelentíssima Prof^a. Dr^a Tania Stoltz, uma exemplar professora e mulher, que gentil e prontamente aceitou me orientar e guiar neste momento decisivo de minha graduação. Concedendo-me não somente conhecimento, mas também, a honra de sua amizade. A ela, serei eternamente grato.

Ao prof. Dr Carlos Eduardo P. de Souza, por seu companheirismo, preocupação e orientação, meu muito obrigado.

Agradeço à prof^a Odisséa Boaventura de Oliveira e à prof^a Silvia Parrat-Dayan, que gentilmente aceitaram o convite de analisar e contribuir com este projeto, investindo tempo e conhecimento.

Aos mestres, que cederam um pouco de si, do melhor de si, para construir quem sou; meu muito obrigado.

À senhorita Camilla Felipe, minha amada confidente, que tem me amado e encorajado em todos os momentos.

Aos amigos, fiéis companheiros, que me auxiliam e me acompanham nas adversidades, tanto da vida, quanto da academia.

À todos os meus familiares, que me dão suporte e carinho.

Aos professores, monitores e alunos que aceitaram participar do estudo e permitiram que este projeto se realizasse.

RESUMO

O monitor acadêmico é um aluno mais adiantado que é inserido em sala de aula para auxiliar na aprendizagem dos demais alunos, melhorando o desenvolvimento das aulas. Em aulas práticas, a presença do monitor é de grande valia, uma vez que monitores, alunos e professores são beneficiados. Para Piaget, cooperar é a única forma de se alcançar a autonomia intelectual e moral, sendo que a cooperação só se dá entre iguais. Com isso, buscamos através de Piaget, inferir sobre a contribuição dos monitores de aula prática a aprendizagem dos alunos. Por meio de um estudo quanti-qualitativo de quatro turmas de diferentes cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências Biológicas, buscou-se triangular as percepções de alunos, professores e monitores sobre a atividade de monitoria. Por meio de entrevistas semi-estruturadas com professores e monitores e questionários discursivos para os alunos foram coletados dados sobre o papel e a contribuição do monitor, a preferência dos alunos em solicitar a ajuda de professores ou monitores e sobre a formação dos monitores. Os resultados indicam que professores e monitores discordam de algumas funções dos monitores. Praticamente a totalidade dos alunos, em algum momento das disciplinas, solicita auxílio dos monitores e julgam de forma positiva a presença de monitores em sala. Além disso, 17% dos alunos relatam que preferem solicitar auxílio aos monitores do que aos professores. Por diversas vezes os monitores são vistos como colegas pelos alunos, o que promove a instalação de um respeito mútuo entre eles. Com isso, vem a reciprocidade, que ocasiona uma maior argumentação e demonstração nas trocas de informações, colaborando para a aprendizagem tanto dos alunos quanto dos monitores. Apesar do grande potencial educativo dos monitores, parece não haver grande preocupação com a formação ou orientação destes e ainda, algumas vezes, a atividade de monitoria se limita a ser desenvolvida dentro de sala de aula.

Palavras-Chave: Monitoria. Piaget. Aprendizagem. Cooperação. Autonomia.

ABSTRACT

The academic monitor is an advanced student who assists other students inside the classroom, helping other to have a better understanding of the subject. In practical classes, the_monitor is of great value, since monitors, teachers and students are benefited. For Piaget, cooperation is the only way to achieve intellectual and moral autonomy, and cooperation only occurs between equals. Through Piaget's theory, inferences were made about the contribution of monitors on student's learning. Through a quantitative and qualitative study of four different undergraduate classes of the Universidade Federal do Paraná – Setor de Ciências Biológicas, we sought to triangulate the perceptions of students, teachers and monitors about the activity of monitoring. Using semi-structured interviews with teachers and monitors and discursive questionnaires for students, data was collected about the contribution of monitors, students' preference to request help from professors or monitors and the monitors' instruction. The results indicate that teachers and monitors disagree about some of the monitors' responsibilities. Virtually all students, at some point of their disciplines, request the assistance of monitors and judge positively the presence of monitors in the classroom. Furthermore, 17% of students reported that they prefer to request the monitors' assistance instead the teachers'. Often, the monitors are seen by students as colleagues, which promotes_a mutual respect between them. With that, comes the reciprocity, which causes a better argumentation and demonstration in the exchange of information, contributing to the knowledge of both students and monitors. Despite the great educational potential of monitors, it seems to be little concern with the instruction or guidance of them, where, sometimes, the activity of monitoring is limited to development only within the classroom, without any complementary activity.

Keyword: Monitoring. Piaget. Learning. Cooperation. Autonomy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVOS	5
2.1 GERAL.....	5
2.2 ESPECÍFICOS.....	5
3 MATERIAL E MÉTODOS	6
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	6
3.2 CONTEXTO DO ESTUDO.....	6
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	6
3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	7
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
4.1 DO PAPEL DO MONITOR.....	8
4.2 DA CONTRIBUIÇÃO DO MONITOR PARA A APRENDIZAGEM	10
4.3 A PREFERÊNCIA DOS ALUNOS.....	14
4.4 DA FORMAÇÃO DOS MONITORES.....	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICES	22

1 INTRODUÇÃO

Em determinada aula prática de um curso de graduação, no laboratório de biologia, a professora faz uma breve apresentação teórica dos temas que seriam abordados na aula. Finalizada a explicação, com auxílio do monitor ela distribui o material da aula para todas as nove bancadas. Com isso ela se posiciona a frente da sala e o monitor no fundo, deixando que os alunos sigam o roteiro da prática. Passados alguns minutos surgem dúvidas e o monitor inicia uma jornada de bancada em bancada, auxiliando os alunos. Ao final da aula a professora vem ao monitor e comenta: “Curioso, você percebe que os alunos chamam muito mais você do que a mim? Fui chamada em duas bancadas enquanto você atendeu as outras sete!” Qual seria o motivo disso?

Utilizando uma gama variada de autores, podemos entender um monitor acadêmico como um estudante mais avançado, inserido no processo de ensino-aprendizagem. Este estudante aconselha, adverte, auxilia e colabora para com a aprendizagem dos monitorandos. Ao auxiliar e colaborar com o andamento das aulas o monitor vai ganhando experiência, tornando o processo de aprendizagem uma via de dois sentidos, uma vez que ao ensinar, o monitor também está aprendendo (ABREU&MASETTO, 1989, *apud* NATÁRIO, 2001; TOOPING, 1996; NATÁRIO&VENDRAMINI, 1998; NATÁRIO, 2001).

A prática da monitoria foi vista e aplicada com maior ênfase na Inglaterra do final do século XVIII por Joseph Lancaster (1806), com a criação da Escola Monitorial. Em um cenário de abuso e degradação das parcelas mais pobres da população, que em plena revolução industrial, eram utilizadas como mão de obra barata, o sistema monitorial veio como solução eficiente e de baixo custo para instruir os filhos de operários e suprir a falta de professores qualificados. (NATÁRIO, 2001).

Com a falta de recursos e de mestres qualificados parecia ser uma solução genial para resolver a questão da educação em massa. Em um único local bem grande, centenas de crianças podiam ser divididas de acordo com seu aproveitamento e confiadas aos monitores, os alunos mais adiantados, sendo necessário apenas um mestre. (MARCÍLIO, 2005, p. 105).

De acordo com Chodes (1988), as crianças mais habilidosas, assumiam o papel de monitores, ensinando as crianças que apresentavam maior dificuldade. Com o tempo e a evolução da capacidade do aluno, este também passava a ser um monitor. O trabalho era desenvolvido em pequenos grupos, com aproximadamente dez alunos para cada monitor, fazendo com que a necessidade de um professor presente o tempo todo fosse reduzida. Isso possibilitava ao professor administrar diversos grupos de estudantes ao mesmo tempo.

No Brasil, os primeiros registros de atividades de monitoria remetem ao Brasil imperial em 1823, prática que foi importada da Inglaterra. Porém, não houve uma adequação à realidade brasileira, causando pouco efeito nos problemas educacionais da época (FEDERIGHI, 1989, *apud* NATÁRIO, 2001).

Atualmente, as atividades de monitoria acadêmica são regulamentadas por lei (Lei 5.540/68 da Reforma Universitária) e amplamente distribuídas nas instituições de ensino superior.

Na Universidade Federal do Paraná, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), determina as normas para o Programa de Monitoria (ou Programa de Iniciação à Docência) através da Resolução Nº 91/99 – CEPE, tornando esta prática subordinada à Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD). No artigo 2º desta resolução estão dispostas as atividades atribuídas a um monitor:

“Art. 2º- Ao monitor, sob a orientação e a responsabilidade de um professor da disciplina ou da área, compete:

I – Auxiliar o professor nas tarefas didáticas, inclusive na preparação de aulas e em trabalhos escolares;

II - Facilitar o relacionamento entre os professores e os alunos na execução das atividades didáticas;

III - Avaliar o andamento da área e ou disciplina, do ponto de vista discente;

IV - Conhecer os termos e as exigências da legislação vigente referente a atividade de monitoria;

V - Participar das atividades de monitoria promovidas pela PROGRAD.”

O monitor, a partir do momento que se torna um participante em sala de aula, pode contribuir (positiva ou negativamente) para o desenvolvimento da aula e para a aprendizagem dos alunos. Os efeitos da presença deste novo agente ainda são pouco discutidos.

Evidenciado no inciso segundo, o monitor deve facilitar o relacionamento entre os professores e os alunos, mas o que o torna capaz de facilitar tal relacionamento? Como pode o monitor colaborar para a aprendizagem dos alunos e para o desenvolvimento das aulas?

Para Jean Piaget, a formação de um indivíduo deve ser um processo extremamente rico, onde possa haver a troca de conhecimentos. Não se deve esperar alunos passivos, que aguardam enquanto o mestre preenche os espaços vazios de seu conhecimento.

Na realidade, a educação constitui um todo indissociável, e não se pode formar personalidades autônomas no domínio moral se por outro lado o indivíduo é submetido a um constrangimento intelectual de tal ordem que tenha de se limitar a aprender por imposição sem descobrir por si mesmo a verdade: se é passivo intelectualmente, não conseguiria ser livre moralmente. Reciprocamente, porém, se a sua moral consiste exclusivamente em uma submissão à autoridade adulta, e se os únicos relacionamentos sociais que consistem a vida da classe são os que ligam cada aluno individualmente a um mestre que detém todos os poderes, ele também não conseguiria ser ativo intelectualmente. (PIAGET, 1948, p. 69).

Apesar de grande parte da obra de Piaget ter sido desenvolvida com crianças, é possível observarmos diversas relações entre o ensino de crianças e o ensino de adultos. Este “constrangimento intelectual” do qual Piaget refere-se, pode, muitas vezes, ser observado até mesmo na educação superior, onde os estudantes universitários, muitas vezes, poderiam assumir o papel das “crianças” e os professores seriam os “adultos”.

Devemos ter em mente que a criança sempre procura agradar o adulto e tenta, portanto, verificar suas expressões e atitudes para ver se está dando a "boa resposta". Não são somente as crianças que querem agradar o professor. Existe, na maioria das vezes, uma aura de respeito que envolve a figura do professor herdada de anos de heteronomia instaurada em sala de aula e, também, como explica a psicanálise, pela idealização do outro, transferência necessária ao mestre para que se dê a aprendizagem. (BECKER; MARQUES, 2007, p. 49)

Talvez, por provir de um sistema educacional (ensinos fundamental e médio) que se baseie na passividade dos alunos, onde muitas vezes o aluno desejado é aquele que fique quieto e comporte-se, os estudantes trazem consigo, de forma reiterada, esse comportamento pouco crítico para a universidade; ouvindo as explicações do professor, entretanto sem refletir sobre elas. "É preciso distinguir, em todos os domínios, dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação, a primeira implicando um elemento de respeito unilateral, de autoridade, de prestígio; a segunda uma simples troca entre indivíduos iguais." (PIAGET, 1932, p.53)

Segundo Piaget, a cooperação é a única forma de contribuir para a formação de indivíduos autônomos. Ao dar ao aluno o conhecimento pronto e lapidado, não é exatamente necessário que ele o compreenda; "para compreender é preciso criar, criar os instrumentos que nos permitirão compreender o mundo. E, para criar um espaço de liberdade, é necessário um espaço que apenas o self-government e o trabalho em grupo podem oferecer" (PARRAT-DAYAN&TRYPHON, 1998, p.23).

A essência da atividade monitorial está na interação, na troca de informações entre os monitores, alunos e professores. Tomando como base os pensamentos de Piaget exploraremos alguns elementos da presença de monitores de aulas práticas.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Contribuir com o entendimento das relações que se desenvolvem em sala de aula entre os alunos, monitores e professores, de forma que seja possível evidenciar a contribuição dos monitores para as aulas práticas, incentivando a exploração e o desenvolvimento desta abordagem educacional.

2.2 ESPECÍFICOS

- Buscar na literatura conhecimentos da atividade do monitor de aulas práticas e, através de Piaget, evidenciar os potenciais proveitos que a atividade de monitoria pode fornecer aos monitorandos;
- Coletar dados através de questionários, entrevistas e observações onde seja possível determinar se a atividade de um monitor de aulas práticas é proveitosa ou indiferente para o processo de aprendizagem dos monitorandos.
- Analisar os dados e a partir deles tentar inferir sobre a contribuição do monitor.
- Evidenciar as diferenças entre as figuras do professor e do monitor.

3 PROCEDIMENTOS E MÉTODOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa teve um enfoque misto, sendo quanti/qualitativa, onde a parte qualitativa segue as recomendações de Lüdke & André (1986). Este fica caracterizado como um estudo de caso, onde “se supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso.” (VENTURA, p.384, 2007), sendo que aqui buscamos em 4 turmas a possibilidade de generalizações para todo o sistema de monitoria desenvolvido nas universidades.

3.2 CONTEXTO DO ESTUDO

O estudo foi desenvolvido em disciplinas que apresentaram aulas práticas nas quais houve a presença de monitor/es. Participaram alunos, professores e monitores da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Ciências Biológicas, de 4 turmas de diferentes cursos de graduação. Essas turmas pertenciam aos cursos de Agronomia, Ciências Biológicas, Engenharia Florestal e Zootecnia.

Foram entrevistados 3 professores, 7 monitores e 76 alunos responderam ao questionário.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada de forma anônima e nenhum nome de participante é exposto de forma direta, preservando a identidade e mantendo o sigilo dos participantes e seus pontos de vista. Serão colocados nomes fantasia para facilitar a leitura dos depoimentos.

Os dados foram coletados em três frentes:

Observações: cada turma foi observada durante pelo menos uma aula teórica e pelo menos uma aula prática, onde o pesquisador se colocou na

posição de “participante como observador” (JUNKER, 1971, *apud* LUDKE & ANDRÉ, 1986 p. 30-31)

Para as anotações provenientes das observações foram prezadas descrições de sujeitos, principalmente professores e monitores, reconstruções de diálogos, descrições de eventos especiais e descrições de atividades desenvolvidas durante o período de aula, juntamente com reflexões pessoais do pesquisador.

Entrevistas: por meio de entrevistas semi-estruturadas (APÊNDICE 1-2) buscou-se evidenciar as perspectivas tanto de monitores, quanto de professores acerca das atividades da monitoria e percepções sobre o comportamento dos alunos. Foi solicitada a participação de no mínimo 1 professor e 1 monitor para cada uma das turmas. As entrevistas foram registradas em anotações do pesquisador.

Questionários: na última aula de acompanhamento foi solicitado aos alunos (mediante negociação e aval do professor responsável) o preenchimento de um questionário aberto de cunho quanti/qualitativo (APÊNDICE 3).

3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

A partir de diversas leituras do material, a análise “implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes.” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Com base nos questionários, entrevistas e observações foram elaboradas categorias que reflitam as opiniões dos envolvidos sobre a contribuição do monitor de aulas práticas.

Posteriormente, foi abordada a contribuição do ponto de vista Piagetiano.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o método de pesquisa empregado podemos ver a atividade da monitoria por três perspectivas diferentes: pela perspectiva dos alunos, pela perspectiva dos professores e pela perspectiva dos próprios monitores. Ao cruzar estes pontos de vista podemos ter melhor entendimento do papel do monitor, de sua contribuição e de algumas peculiaridades da atividade.

4.1 DO PAPEL DO MONITOR

Para abordar a contribuição do monitor, é necessário garantir que todos os participantes entendam qual é a função desta pessoa em sala de aula. Para todos os participantes foi feita uma pergunta direta e aberta para que expressassem o que entendem como papel do monitor.

De forma geral, os alunos tem um entendimento mais resumido, quase sempre limitando o monitor dentro da sala de aula. A visão dos estudantes, de forma simples, porém que não deixa de estar correta, é que o papel do monitor é ajudar professores e alunos no decorrer da aula. Foi possível observar 3 categorias: aqueles que acreditam que a tarefa do monitor é apoiar o professor (17%; 13 alunos), como ilustra a resposta de BEN: “auxiliar o professor nas aulas práticas.”; há aqueles que entendem que o papel do monitor é auxiliar os alunos (38%; 29 alunos), a exemplo da resposta de LIL: “Penso que o papel do monitor é ajudar a fixar e acrescentar mais conhecimento ao aluno.”; e também, os que acreditam que o monitor deve ajudar ambos (45%, 34 alunos), como ilustra JOE: “É importante haver monitor na sala tanto para auxiliar os alunos, nas dúvidas, como também para ajudar o professor.”

Raras foram as respostas que faziam menção a atividades de orientação no contra turno, mediação entre os alunos e professores, correção e preparação de atividades, preparação de materiais, elaboração de aulas e substituição de professores (quando por compromissos ou problemas de saúde é necessário faltar).

Já os monitores, citam estas atividades: orientação no contra turno, mediação entre os alunos e professores, substituição, correções de atividades e provas, preparação de materiais e aulas como atribuições de seus estágios, além da orientação direta aos alunos, suporte aos professores e manutenção da disciplina dos alunos.

Para os professores, o papel do monitor varia conforme a disciplina. Em algumas, o monitor teria sua maior ocupação fora de sala de aula, preparando modelos e materiais, entretanto, em outras disciplinas, há técnicos nos departamentos (como é o caso dos departamentos de anatomia e de botânica) que providenciam os materiais. Os professores citam ainda que o monitor deve, dentro de sala, colaborar com a organização das aulas e atividades, aliviar a sobrecarga do professor, tirando dúvidas dos alunos e, segundo a professora MOL, ser “dois olhos a mais”, vigilantes e atentos para situações de indisciplina ou durante aplicações de provas.

Podemos observar algumas divergências entre o que os monitores entendem ser seu papel e o que os professores esperam deles. Os professores, em teoria, não atribuem atividades como a correção de exercícios e provas e o auxílio na elaboração de aulas como funções dos monitores. Resultados compatíveis foram encontrados em outros estudos (LOPES *et al.*, 2006; NATÁRIO *et al.*, 1999; NATÁRIO, 2007), como por exemplo, em Assis *et al.* (2006), em que as pesquisadoras constataram que vários monitores julgam como importantes as atividades de: auxiliar o professor na preparação de aulas, preparo e execução de atividades, ministração de aulas e acompanhamento de aulas práticas; entretanto, a maior parte dos monitores revela “que não teve oportunidade de realizá-las ou realizaram-nas esporadicamente” (ASSIS *et al.*, p.396, 2006).

Talvez haja um desencontro de importâncias. Os monitores, ao entenderem que determinada atividade é importante parecem assumi-la como função. Já os professores, não veem que essas atividades sejam papel do monitor, talvez por isso, não dando importância ou oportunidade para que eles as realizem. Essa falta de acordo sobre quais são as efetivas funções dos monitores parece ser causada por uma falta de comunicação entre monitores e orientadores.

Em relação à resolução 91/99 do CEPE, observa-se que os professores entrevistados não consideram como atribuições do monitor, previstas na resolução: Auxiliar o professor em trabalhos escolares; avaliar o andamento da disciplina; e participar das atividades de monitoria promovidas pela PROGRAD. Já os monitores entrevistados incluem em sua função o auxílio ao professor em trabalhos escolares; no entanto, à semelhança dos professores, não consideram a avaliação do andamento da disciplina e a participação de atividades promovidas pela PROGRAD, previstas na resolução que regulamenta as atribuições do monitor na universidade. Veremos mais à frente que o treinamento dos monitores parece ser frágil e insuficiente.

4.2 DA CONTRIBUIÇÃO DO MONITOR PARA A APRENDIZAGEM

Para saber se a presença do monitor nas aulas práticas colabora ou não com a aprendizagem dos alunos é necessário antes descobrir se os alunos realmente acessam os monitores. Para isso, buscou-se saber se os estudantes chegam a solicitar o auxílio do monitor em algum momento das aulas. Os resultados estão apresentados no GRÁFICO 1.

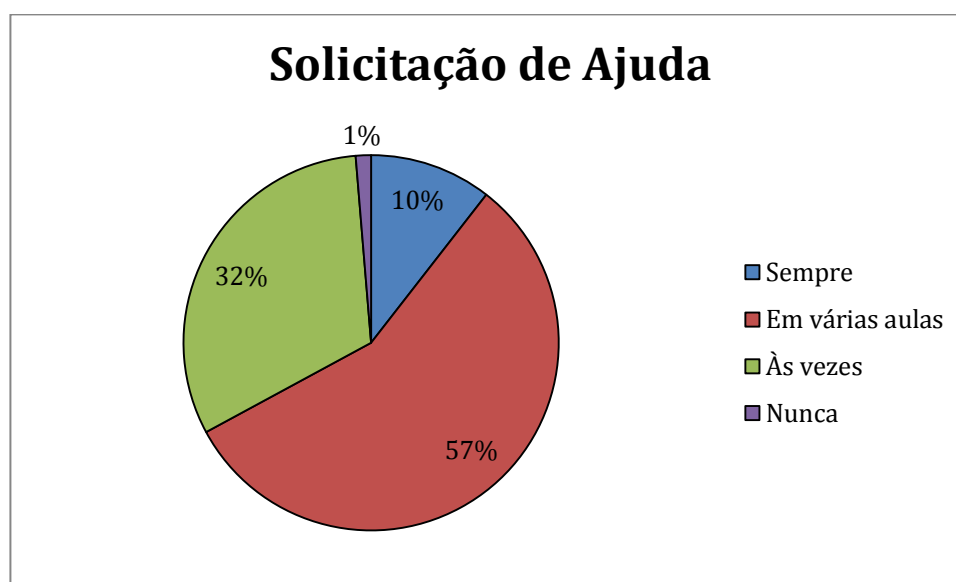


GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIA COM QUE OS ESTUDANTES PEDEM AJUDA AOS MONITORES
FONTE: o Autor (2014)

Os resultados mostram que 99% dos alunos que responderam ao questionário, alguma vez, já solicitaram o auxílio dos monitores durante as aulas práticas, sendo que 10% (8 alunos) sempre solicitam auxílio, 57% (43 alunos) já solicitaram auxílio em várias aulas e 32% (24 alunos) afirmam que somente às vezes pedem auxílio aos monitores. Apenas 1% (1 estudante) afirmou que nunca pediu ajuda aos monitores. Portanto, há indícios de que os monitores realmente são uma alternativa de auxílio e participam do processo de aprendizagem dos alunos.

Uma vez constatado que os monitores realmente são acionados pelos alunos durante as aulas, podemos averiguar a importância deste auxílio. Ao pedir que os alunos avaliassem a presença dos monitores em aula prática (GRÁFICO 2), 96% (73 alunos) avaliaram de forma positiva (utilizando palavras como boa/ótima/indispensável), como nos mostra o aluno WID: “Uma presença muito importante e fundamental, porque ele é na verdade o 2º professor.”

Dos alunos restantes, 3% (2 alunos) avaliaram de forma regular e apenas 1% (1 aluno) avaliou a presença de monitores de forma negativa. A aluna CHO, explica que algumas vezes o monitor seria uma presença “desnecessária, por parar o que estamos fazendo e interromper nossa linha de raciocínio, pedindo nossa atenção.”

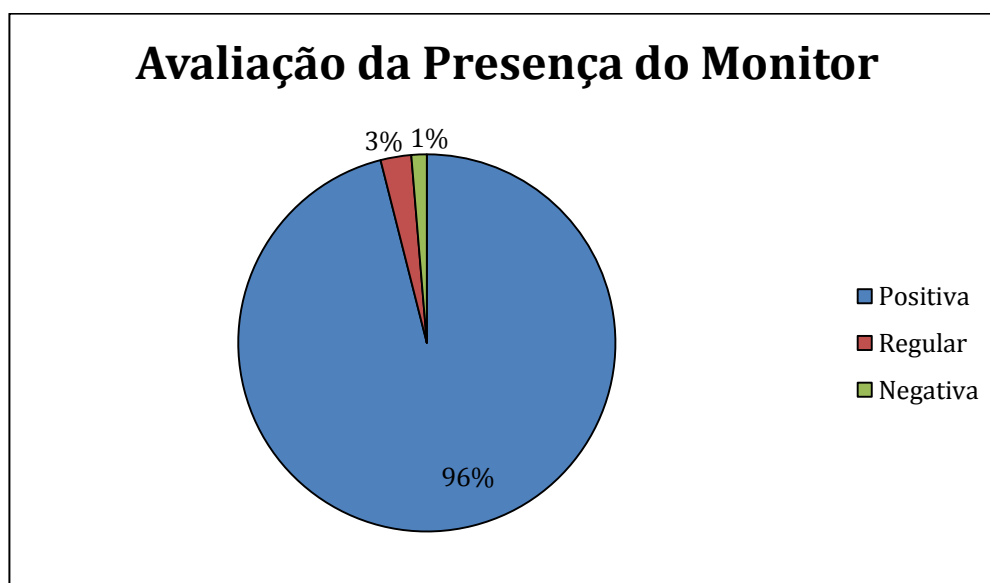


GRÁFICO 2 – AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DA PRESENÇA DE MONITORES EM AULA PRÁTICA
FONTE: o Autor (2014)

Fica evidente que a presença dos monitores é produtiva e que os próprios estudantes observam vantagens em poder contar com outra pessoa para orientá-los além do professor. Resultados similares foram encontrados por Haag *et al.* (2008), onde as autoras concluem que “a monitoria constituiu-se em uma ferramenta facilitadora para o desenvolvimento teórico-prático do aluno, mas não se concretiza como instrumento único e responsável pela qualificação deste.”

Os professores também relatam ganhos, pois a presença dos monitores diminui a quantidade de alunos que precisam atender. Em uma das observações isso foi possível de ser constatado. Ao iniciar a parte prática da aula, o professor LOEF se dirigiu a uma bancada, sentou-se junto a um aluno e orientou este por aproximadamente 20 minutos. Enquanto isso, as duas monitoras auxiliaram os outros 16 alunos da turma. Ao final da aula, o professor explicou que esta seria uma tática que aprendeu em um programa de treinamento pedagógico como alternativa para melhorar o rendimento de alunos com mais dificuldade. “Ao ter esta atenção personalizada, muitas vezes, o aluno sente que é seu dever retribuir e para isso se esforça mais na disciplina,” diz ele. Esta atenção especial só é possível quando há outras pessoas tutoreando os demais alunos da turma.

Além dos professores, vários discentes relatam que são muitos alunos para um único docente, deixando-o sobrecarregado: “em uma aula que não havia monitor pôde-se observar a dificuldade do professor,” ilustra o aluno NUS. Os monitores favorecem uma maior fluidez nas aulas, fazendo com que, de forma geral, os alunos esperem menos tempo para terem suas dúvidas respondidas e diminuindo a sobrecarga do professor.

Não seria possível constituir, com efeito, uma atividade intelectual verdadeira, baseada em ações experimentais e pesquisas espontâneas, sem uma livre colaboração dos indivíduos, isto é, dos próprios alunos entre si, e não apenas entre professor e aluno. A atividade da inteligência requer não somente contínuos estímulos recíprocos, mas ainda e sobretudo o controle mútuo e o exercício do espírito crítico, os únicos que conduzem o indivíduo à objetividade e à necessidade de demonstração. (PIAGET, 1948, p.70)

É interessante notar que muitos alunos reconhecem os monitores também como alunos, como diz TEA: “prefiro pedir ajuda para os monitores, pois eles são alunos também, muitas vezes a forma que eles explicam são mais simplificadas.”. Isso sugere que os monitores são vistos como estando no mesmo patamar dos alunos.

Para Stoltz e Parrat-Dayan (2007, p.101), a educação deve almejar o desenvolvimento da autonomia, não só moral, como também intelectual do aluno. Para chegar a este objetivo, deve-se levar o indivíduo à reflexão, sendo esta, possível através da igualdade na troca comunicativa.

Piaget (1948, p.72-74) traz em sua obra a presença de três sentimentos ou tendências afetivas presentes na constituição mental da criança, mas que também podemos aplicar a indivíduos adultos, sendo eles o “amor”, o “medo” e o “respeito”. Este último seria uma mistura dos dois primeiros, formado de afeição e temor ao mesmo tempo. Assim como o pequeno respeita o adulto, pode-se pensar que o aluno respeita o professor, ambos em sua essência de forma unilateral. Contudo, de forma unilateral ele é fonte de heteronomia. ‘Com a heteronomia, o “bel-prazer do eu é simplesmente substituído pelo bel-prazer de uma autoridade” e esta não é criticada em nome da razão do sujeito.’ (STOLTZ, 2007, p.33)

No outro extremo das relações interindividuais, formadoras de valores morais, está o respeito mútuo. Constituído-se entre indivíduos iguais, ou feita abstração de qualquer autoridade, o respeito mútuo ainda é um composto de afeição e de medo, mas só se conserva deste último o temor de decair aos olhos do parceiro. Ele substitui assim a heteronomia característica do respeito unilateral por uma autonomia necessária a seu próprio funcionamento, e que se pode reconhecer pelo fato de que os indivíduos por ele obrigados participam da elaboração da regra que os obriga. O respeito mútuo é também, portanto, por sua vez, fonte de obrigações; mas origina um novo tipo de obrigações que não mais impõe as regras preestabelecidas: o próprio método propicia a sua elaboração. Ora, esse método nada mais é que a reciprocidade, entendida não como um perfeito regulamento para avaliação tanto do mal quanto do bem, mas como a mútua coordenação dos pontos de vista e das ações. (PIAGET, 1948, p.75)

Ao se verem como iguais, aluno e monitor podem desenvolver o respeito mútuo de maneira mais simples e verdadeira, o que acarretará no exercício do espírito crítico que Piaget cita. Apenas passar determinada

informação não será suficiente para convencer o aluno de que aquilo é o correto, o monitor deverá ser capaz de explicar, demonstrar e argumentar. Já o aluno, se sentirá mais livre para tentar desconstruir ou argumentar contra a explicação do monitor. Este jogo de argumentações é extremamente produtivo e de fato mobilizará as estruturas cognitivas, tanto do monitor, quanto do aluno, trocando a co-ação heterônoma pela co-operação entre iguais.

Como fonte de crítica, a cooperação leva à autonomia tanto intelectual quanto moral. Por permitir a tomada de consciência da lógica das relações, a cooperação conduz à reciprocidade no plano intelectual. No plano moral, a cooperação dá lugar às transformações paralelas às realizadas no plano intelectual. (STOLTZ, 2007, p.34)

Entretanto, por vezes, é possível observar que nem sempre o que é tratado por monitores e alunos é diretamente relacionado à disciplina. Ao se verem em igualdade, a proximidade de interesses e realidades pode trazer distrações entre alunos e monitores. Cabe aí a orientação dos monitores, para que observem que devem prioritariamente contribuir para a formação e não para a distração dos alunos. Cabe lembrar que as interações sociais:

se prestam para diversos fins, tanto positivos quanto negativos: Interações sociais podem ser fonte de informações verdadeiras ou preconceituosas, de independência ou de dominação, de alienação ou de tomada de consciência. Na verdade, trata-se de uma impossibilidade lógica afirmar que as interações sociais possuem sempre um valor formativo (DAVIS; SILVA; ESPÓSITO, 1989, p. 52)

4.3 A PREFERÊNCIA DOS ALUNOS

Nas entrevistas com professores e monitores, todos eles dizem perceber certa preferência de alunos (ou grupos de alunos) em solicitar a ajuda dos monitores ou dos professores.

Acreditam que os alunos que preferem os monitores seriam por ter medo ou vergonha de falar com o professor. Professores com posturas intimidadoras, mau humorados ou que utilizariam linguagem muito técnica

“afastariam” alunos mais tímidos ou pouco seguros, os quais veriam no monitor maior possibilidade de diálogo. Um dos professores e três dos monitores relataram experiências próprias de quando eram alunos que, por sua timidez ou rudeza do professor responsável, não buscavam ao docente, encontrando auxílio nos monitores.

Já os alunos que preferem recorrer ao professor, praticamente por unanimidade dos entrevistados, seriam os que não confiam nas habilidades dos monitores, sentindo-se mais seguros com os conhecimentos e experiências do professor.

Essas percepções foram averiguadas no questionário dos estudantes, onde a questão 3 buscava saber se os alunos sentiam alguma diferença entre solicitar o professor ou o monitor. Os resultados são ilustrados no GRÁFICO 3.

Foram observadas 3 categorias, sendo a primeira a dos que preferem o professor. Vinte e nove alunos (38%) buscam principalmente o professor, pois confiam mais nos conhecimentos e experiências do docente ou pois o monitor muitas vezes não sabia responder as perguntas, ocasionando uma perda de confiança. Como é o caso de MAR, que afirma: “por mais que os monitores sejam qualificados, acho que há mais segurança quando um professor confirma.”.

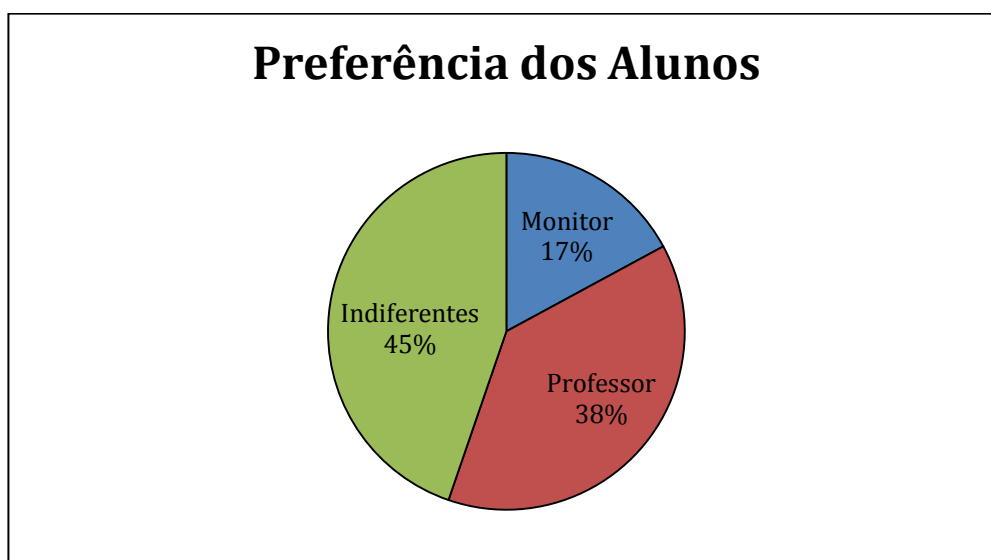


GRÁFICO 3 – PREFERÊNCIA DOS ALUNOS EM SOLICITAR O AUXÍLIO DE PROFESSORES OU MONITORES

FONTE: o Autor (2014)

A segunda categoria observada, com 17% (13 alunos), são aqueles que preferem recorrer aos monitores. Os principais motivos dessa preferência seriam a maior afinidade/cumplicidade com os monitores, a possibilidade de uma comunicação menos formal, com linguagem mais jovem e simplificada e a maior disponibilidade dos monitores, uma vez que a disponibilidade do professor é reduzida e os monitores poderiam dar uma atenção mais direcionada e personalizada, a exemplo da resposta do aluno BAUM: “Na maioria das vezes é possível um maior tempo para tirar dúvidas com o monitor, tendo em vista que o tempo do professor é limitado, um maior contato para fixação do conteúdo é obtido.”.

A terceira categoria observada foi a daqueles que se mostram indiferentes, aonde 45% (34 alunos) entendem que ambos auxiliam de maneira parecida ou explicam que podem contar tanto com o professor quanto com o monitor. O aluno MAX nos conta que não sente diferença alguma, “pois os monitores estão muito bem preparados e nos esclarecem todas as dúvidas de forma correta assim como o professor.”.

Podemos notar que um percentual considerável de alunos (próximo aos 20%) prefere solicitar auxílio exclusivo dos monitores e que, se somados aos indiferentes, 62% dos alunos confiam nos monitores.

Uma vez que os monitores estejam bem preparados para atender os alunos, podemos constatar que eles realmente são acionados constantemente e que o resultado é positivo para o aprendizado tanto do aluno quanto para o monitor. Entretanto, quando este está despreparado e não consegue ajudar os alunos, eles respondem de forma negativa, assim como MAGGIE: “várias vezes o monitor não sabia a resposta e precisou da mesma forma esperar a professora para responder.”.

A resposta de um dos alunos, JOE, levanta duas questões muito importantes: “dependendo do professor ou do monitor, eles tem modos diferentes de explicar a mesma coisa. Assim você pode entender melhor de um ou de outro jeito.”. A primeira questão seria a das personalidades. Todos os alunos, monitores e professores têm personalidades diferentes. É provável que nunca se observe duas aulas iguais em turmas diferentes (ou até mesmo na mesma turma), pois os indivíduos variam diariamente.

Quando avaliamos as turmas (W, X, Y e Z) separadamente, podemos perceber a grande variação nas preferências. Nas turmas X e Z, as professoras (MARGE e LISA) mostraram-se acessíveis, bem humoradas e divertidas, personalidades que não intimidariam os alunos, pelo contrário, pessoas cativantes e alegres que faziam com que os alunos se sentissem à vontade. Na turma X, a de MARGE, 7 alunos preferiam a professora, 11 eram indiferentes e apenas 1 preferia os monitores. Já na turma Z, de LISA, 4 preferiam a professora, 8 eram indiferentes e 5 preferiam os monitores; mais alunos preferiram os monitores do que a professora nesta turma. Isso demonstra a flutuação nas preferências dos alunos, dependendo dos alunos, dos professores e dos monitores, sem seguimento de um padrão.

4.4 DA FORMAÇÃO DOS MONITORES

Para que haja uma boa atuação dos monitores em sala de aula, é necessário que eles tenham uma boa formação. Além do conhecimento teórico/prático da disciplina, seria importante ao monitor ter formação pedagógica, para que pudesse compreender melhor o processo de ensino/aprendizagem e assim aumentar sua eficiência.

A pesar da grande importância que pudemos observar acerca da contribuição dos monitores de aulas práticas, a formação destes é insuficiente. Durante as entrevistas, professores e monitores foram questionados sobre a existência de algum tipo de formação ou treinamento para os monitores. As únicas atividades que alguns relatam são encontros semanais com os professores orientadores para discutir e visualizar os materiais que serão abordados na aula da semana. Três dos monitores alegam que nem mesmo isso acontece nas disciplinas que monitoram e suas atividades de monitoria se resumem em participar das aulas.

Nenhum dos entrevistados tem conhecimento de alguma atividade de formação institucional direcionada para os monitores. Isso entra em conflito com a, já citada, Resolução Nº 91/99 – CEPE. O inciso V do artigo 2º diz que compete ao monitor: “§ V - *Participar das atividades de monitoria promovidas pela PROGRAD.*”. Uma vez que professores e monitores desconhecem

essas atividades, podemos acreditar que elas são pouco divulgadas ou nem mesmo existem.

Atividades simples, com periodicidade mensal, como por exemplo palestras pedagógicas, grupos de estudos/debates, que possam abranger não só monitores, mas também professores, certamente colaborariam para a criação de um ambiente cada vez melhor de ensino e auxiliariam na formação dos profissionais que passam pela universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar que a atividade de monitoria de aulas práticas possui grande potencial para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem em diversos cursos de graduação na universidade, uma vez que, quando bem formulada, é capaz de trazer benefícios para todos os envolvidos, conforme os relatos dos professores, monitores e alunos.

Praticamente a totalidade dos alunos aproveita a presença dos monitores em aula e avalia de forma positiva a presença destes. A percepção de professores e monitores acerca da preferência de alguns alunos em solicitar auxílio dos monitores foi constatada e uma quantidade relevante de alunos demonstra preferência em solicitar os monitores ao invés dos professores, sendo esta uma alternativa para alcançar os alunos mais inseguros e tímidos, segundo relatos dos professores e monitores.

Apesar do grande potencial de melhora que a atividade de monitoria pode trazer para dentro das salas de aula, percebemos que há pouca preocupação com a capacitação ou formação dos monitores, sendo que, em alguns casos, a atividade se resume a acompanhar as aulas, sem nenhum momento extra-classe.

Diminuindo a sobrecarga de alunos sobre o docente, os monitores, enquanto se aventuram na carreira docente, podem criar um ambiente de respeito mútuo e reciprocidade com os alunos, uma vez que também são reconhecidos como alunos. Logo que é formado esse ambiente de igualdade, há maior possibilidade de troca de informações seguidas de argumentações, pois é necessário que o monitor seja capaz de convencer o aluno do verdadeiro e o aluno, com maior frequência, raciocina e argumenta contra, o que é essencial para o desenvolvimento do espírito crítico.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo: Associados, 1989.

ASSIS, F. de. *et al.* **Programa de Monitoria Acadêmica: percepções de monitores e orientadores**. Revista de Enfermagem da UERJ, Rio de Janeiro. 2006, jul-set; p.391-397.

BECKER, F.; MARQUES, T. B. I (Orgs.). **Ser Professor é ser Pesquisador**. Porto Alegre. Mediação, 2007.

CHODES, J. Let private enterprise do the job. Op-Ed Page, **New York Times**, column, 12-19-1988 – Disponível em <<http://explorersfoundation.org/glyphery/130.html>>. Acesso em: 20/05/2014.

DAVIS, C.; SILVA, M. A. S.; ESPÓSITO, Y. **Papel e valor das interações sociais em sala de aula**. Cad. Pesq., São Paulo. Novembro 1989; p. 52.

FEDERIGHI, M.D. **Monitoria na 5ª série: uma proposta pedagógica** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. São Paulo: USP, 1989.

HAAG, G. S.; KOLLING, V.; SILVA, E.; MELO, S. C. B.; PINHEIRO, M. **Contribuições da monitoria no processo ensino-aprendizagem em enfermagem**. Revista Brasileira de Enfermagem; 2008, mar-abr; p. 215-220.

LOPES, G. T.; Pessanha, H. L., Assis; F., & Rocha, P. R.. A monitoria acadêmica prepara o estudante para a docência? **Anais do 58º Congresso Brasileiro de Enfermagem**. 2006 (Vol.1, pp.35-39). Salvador: Associação Brasileira de Enfermagem.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCÍLIO, M. L. História da escola em São Paulo e no Brasil - um clássico na literatura sobre educação. In: **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade** / Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação - Salvador: UNEB, v. 14, n. 24, jul./dez., 2005.

NATÁRIO, E. G.; VENDRAMINI, C. M. M. **Motivos e dificuldades para o exercício da função de monitor na USF, segundo a opinião dos monitores.** In: I Congresso de Pesquisa e Extensão. Bragança Paulista. Anais. Bragança Paulista, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Universidade São Francisco, 1998.

NATÁRIO, E. G.; PAULA, K. B. de; TOSCANO, C. A.; FELIPE, K. e PATON, D.. **Monitoria: visão, importância, segundo a opinião de estudantes de psicologia da USF – São Paulo.** In: II CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO, Bragança Paulista. Anais. Bragança Paulista, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da Universidade São Francisco, 1999.

NATÁRIO, E. G. **Programa de monitores para atuação no ensino superior: proposta de intervenção.** Campinas. 2001. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

_____. **Monitoria: um espaço de valorização docente e discente.** Anais do 3º Seminário Internacional de Educação do Guarujá. Santos: Editora e Gráfica do Litoral; 2007, Vol.1, f.29.

PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança.** São Paulo: Summus, 1994(1932).

_____. **Para onde vai a Educação?** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1948 (1988).

STOLTZ, T. O problema das relações entre afetividade e inteligência. In: DINIS, N. F.; BERTUCCI, L. M.(Orgs.). **Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente.** Curitiba: Editora UFPR, 2007.

STOLTZ, T.; PARRAT-DAYAN, S. Educação e inclusão social: uma leitura possível a partir de Piaget. In: GUÉRIOS, E.; STOLTZ, T. (Orgs). **Educação, inclusão e exclusão social: contribuições para o debate.** Curitiba, Aos Quatro Ventos. 2007. p. 101

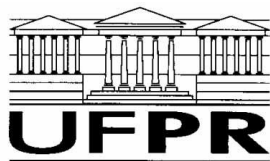
TOPPING, K. J. The effectiveness of peer tutoring in further and higher education: a typology and review of thee literature. **Higher Education.** 1996. 3(3): 321-345, 1996.

VENTURA, M. M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** Pedagogia Médica. Revista SOCERJ. v. 20, n. 5, set./out., 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA GUIADA REALIZADA COM OS PROFESSORES.....	23
APÊNDICE 2 – ENTREVISTA GUIADA REALIZADA COM OS MONITORES	24
APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	25

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA GUIADA REALIZADA COM OS PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos

ENTREVISTAS COM PROFESSORES 2014

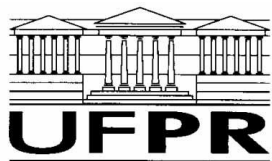
1) Por que ter um monitor?

2) Qual você julga ser a função do monitor?

3) Você acredita que alunos ou grupos de alunos tem preferência em solicitar seu auxílio ou auxílio do monitor? Por que você acredita que isso acontece?

4) Você tem conhecimento de algum tipo de treinamento oferecido pela instituição para que o professor tutorie o monitor ou algum destinado ao monitor?

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA GUIADA REALIZADA COM OS MONITORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos

ENTREVISTAS COM MONITORES 2014

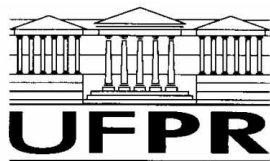
1) Por que ser monitor?

2) Qual você julga ser o papel do monitor dentro e fora de sala de aula?

3) Você acredita que alunos ou grupos de alunos tem preferência em solicitar seu auxílio ou auxílio do professor? Por que você acha que isso acontece?

4) Você tem conhecimento de algum tipo de treinamento para os monitores, oferecido pela instituição?

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos

QUESTIONÁRIO SOBRE O PROCESSO DE MONITORIA 2014

1) Qual é, em sua opinião, o papel do monitor de aulas práticas?

2) Você chegou a solicitar auxílio do monitor em algum momento das aulas?

() SEMPRE () EM VÁRIAS AULAS () ÀS VEZES () NUNCA

Por quê: _____

3) Você sente alguma diferença entre solicitar a ajuda do professor ou do monitor? Justifique.

4) Você acredita que há alguma diferença no papel do professor/professora e do monitor? Exemplifique.

5) Como você avalia a presença de um monitor em aulas práticas? Por quê?

Muito Obrigado